

**FUTEBOL, LAZER E RIVALIDADE: (IN)SOCIABILIDADE NA NOVA
CAPITAL GOIANA (1936-1939)**

Recebido em: 29/08/2025

Aprovado em: 06/11/2025

Licença: 

Jean Carlo Ribeiro¹

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Palmas – TO – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6877-2929>

Cleber Dias²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9126-5992>

RESUMO: O estudo tem por objetivo investigar movimentações de equipes de futebol em Goiânia entre 1936 e 1939, destacando seus efeitos nas relações sociais e de lazer. O recorte temporal, leva em conta registros históricos que identificam Goiânia em seu povoamento inicial, tomando como principais fontes os periódicos situacionistas Correio Oficial – Estado de Goyaz e O Popular. Neste espaço/tempo é possível distinguir a formação de identidades locais e seus impactos no campo futebolístico, em destaque tensões sociais decorrentes destas pioneiras composições. As características desse cenário, comprometeram a sociabilidade local, tendo por consequência traços de rivalidade, que tanto alimentou o interesse popular pelo futebol, como também foi alimentada pelo tratamento dado ao fenômeno enquanto objeto de entretenimento e afirmação urbana.

PALAVRAS-CHAVE: História do futebol. História do lazer. Goiânia.

**FOOTBALL, LEISURE, AND RIVALRY: (IN)SOCIABILITY IN THE NEW
CAPITAL OF GOIÁS (1936-1939)**

ABSTRACT: This study aims to investigate the movement of football teams in Goiânia between 1936 and 1939, emphasizing their effects on social relations and leisure practices. The selected timeframe considers historical records that document Goiânia in its early settlement, drawing primarily on the situationist newspapers Correio Oficial – Estado de Goyaz and O Popular. Within this spatial-temporal context, it is possible to discern the formation of local identities and their impact on the football sphere,

¹ Doutor em Estudos do Lazer - Pós doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer (PPGIEL – UFMG). Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Corporais (NEPPraC).

² Doutor em Educação Física e membro do Grupo de Pesquisa em História do Lazer (Hisla). Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG).

particularly the social tensions emerging from these pioneering associations. The characteristics of this scenario compromised local sociability, resulting in elements of rivalry that not only fueled popular interest in football but were also reinforced by the ways in which the phenomenon was framed as both entertainment and a means of urban affirmation.

KEYWORDS: History of football. History of leisure. Goiânia.

Introdução

O início das obras de construção de Goiânia como nova capital do estado de Goiás, está simbolicamente datado no dia 24 de outubro de 1933, por ocasião da solenidade de lançamento de sua “pedra fundamental”. Efetivada como município em 1935 e transformada oficialmente em capital em 1937, a cidade foi projetada com a pretensão de incluir o estado de Goiás na reestruturação de nação idealizada ao longo da década de 1930. No período, ações políticas em âmbito nacional direcionaram certa importância ao desenvolvimento de regiões interioranas e a consequente diminuição de históricas desigualdades socioeconômicas, almejando maior equilíbrio entre litoral e sertão.

O modelo de cidade-metrópole era considerado um ambiente ideal para esse desenvolvimento e consequentemente, a nova capital planejada em Goiás logo foi incluída como um dos “símbolos civilizadores”, desse “novo país” (Chaul, 1999; Chaul, 2009). Incluídas no propósito progressista, práticas físico-esportivas e de lazer compunham um conjunto de rotinas que intencionavam cultivar novos hábitos, costumes e experiências que deveriam alimentar uma cultura urbana “modernizada” (Drumond, 2009).

Até o final da década de 1930, o fluxo esportivo em Goiânia contava com eventos promovidos pelo poder público (estadual e municipal), que referenciavam o

aniversário de fundação da cidade e outras datas comemorativas. Conhecidos por “Circuito de Goiânia”, ali eram promovidas além de disputas esportivas, corridas a pé e provas de bicicletas, motocicletas e cavalos pelas ruas da cidade. O cotidiano urbano dispunha também de práticas atléticas diversas e modalidades esportivas como basquetebol, voleibol, remo, natação, tênis, pugilismo e futebol, com destaque de frequência e popularidade a este último, reunindo moradores, tanto na figura de participantes como de expectadores (Ribeiro, 2021).

Investigar movimentações entre equipes de futebol em Goiânia entre 1936 e 1939, destacando efeitos nas relações sociais e de lazer no contexto da cidade, traduz-se como objetivo principal deste estudo. O recorte temporal escolhido, leva em conta registros históricos que identificam Goiânia em seu povoamento inicial. Neste espaço/tempo é possível distinguir a formação de identidades locais e seus impactos no campo esportivo e nos divertimentos, além de tensões sociais decorrentes destas pioneiras composições. Os registros sobre experiências futebolísticas, retratam iniciativas com certo nível de precariedade e improvisação, apesar do esforço de institucionalização, situação que toma maior contorno a partir do final de 1939, com o advento da fundação da Associação Goiana de Esportes (AGE).

Como fontes de pesquisa, além de publicações acadêmicas historiográficas e memorialistas que auxiliaram na contextualização do assunto, pesa o aporte da imprensa escrita da época. O jornal *O popular* e o periódico *Correio Oficial*, este último veículo de comunicação formal do poder estadual, surgem em destaque como principais matrizes de informações. À época, os dois instrumentos difusores registravam o cotidiano da nova capital destacando agentes sociais, o modo de vida e a maneira de perceber e se relacionar, inclusive com e por meio do esporte.

Há de ser destacada a proximidade desses periódicos com o grupo político local que ascendeu ao governo após 1930. O uso recorrente de hipérboles indica que as notícias tinham como grande objetivo engrandecer e enaltecer fatos e acontecimentos relacionados ao advento da nova capital. O exagero literário buscava induzir uma impressão aumentada do autêntico, fazendo da figura de linguagem um instrumento que descrevia muito mais que o real, o cenário pretendido, idealizado.

O material relativo ao jornal *O popular*, foi coletado junto ao Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara (CEDOC) em Goiânia. Já a consulta aos exemplares do *Correio Oficial*, foi realizada junto à Superintendência Executiva de Cultura do Estado de Goiás (SECULT), nos acervos do Arquivo Histórico Estadual, localizado na Praça Cívica, centro da capital.

O Surgimento de Outra Cidade

O local escolhido para a construção da nova capital fazia parte do município de Campinas, região povoada desde a primeira década do século XIX e distante aproximadamente 140 quilômetros da cidade de Goiás, capital do estado até 1937. Sede da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas desde 1844, o pequeno arraial da “Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas” pertenceu ao município de Bonfim (Silvânia a partir de 1943) até ser elevado à categoria de “Vila” em 1907, alcançando em 1914, a designação de “Município de Campinas” (Ortencio, 2011).

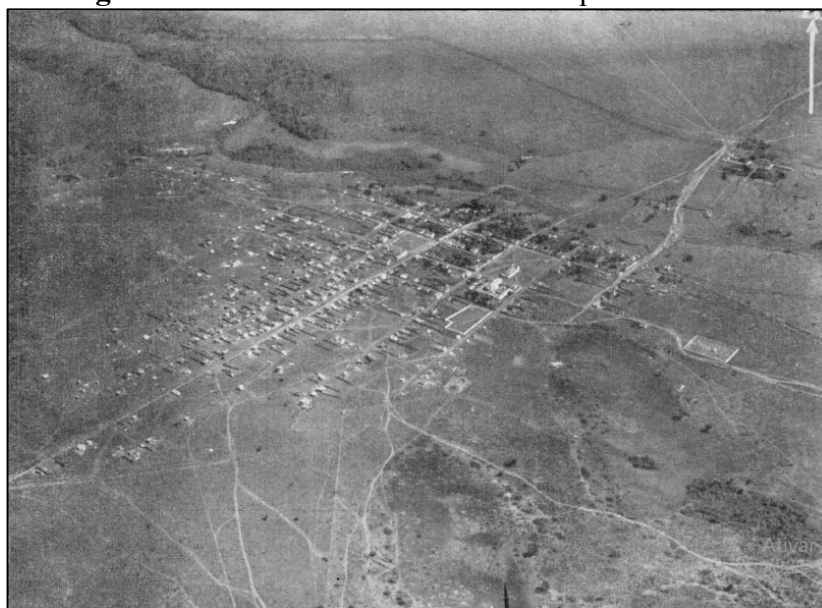
A chegada de um grupo missionário liderado por padres redentoristas em 1894, oriundos da região da Baviera na Alemanha contribuiu para o crescimento e desenvolvimento local e o censo de 1920 registrou uma população de 3.878 (Brasil,

1929). Os religiosos exerceram diferentes funções na região, atuando como professores, médicos, engenheiros construtores e juizes. Em função disso, “novidades modernas”, como bicicleta, motocicleta, telefone a manivela, máquina de escrever e até casa de tijolos, passaram a fazer parte do cotidiano dos moradores do lugar quando. Durante a década de 1920, a pequena cidade possuía uma pequena usina hidrelétrica, uma nova igreja matriz (com o primeiro relógio de torre) e um noticiário local impresso³. Em outubro de 1921, outro grupo missionário religioso, agora composto por quatro irmãs franciscanas oriundas da mesma região alemã, chegaram a Campinas. A irmandade fundou o Colégio Santa Clara (inicialmente restrito à instrução de meninas), que iniciou suas atividades em janeiro de 1922 (Ortencio, 2011).

No dia 24 de outubro de 1933, essa modesta, porém efetiva dinâmica cidadina pouco tinha em comum com o sítio escolhido para o início das obras da nova capital, distante aproximadamente cinco quilômetros da praça central de Campinas. Sem sinais concretos de que por ali se edificaria uma cidade, o que se via era uma área desmatada, sem traçado de ruas ou quaisquer demarcações. Porém, nos meses que sucederam a solenidade de lançamento da pedra fundamental da nova capital, a chegada de trabalhadores e pessoas advindas de outras cidades, estados e até países aos poucos transformou a paisagem e o cotidiano local. No início de 1935, no pequeno núcleo urbano de Campinas, dezenas de construções já haviam sido levantadas e transformadas em residências comércios, hotéis e até um cinema (Godinho, 2013, Bueno, 1935).

³ O jornal “Santuário de Trindade” foi impresso quinzenalmente na oficina dos padres redentoristas a partir de 1 de julho de 1922 (Ortencio, 2011).

Figura 1: Vista aérea da cidade de Campinas em 1933.



Fonte: Pires (2005, p. 289). Arquivo Corrêa Lima (Coleção de fotos).
Autor do registro não identificado.

Em 2 de agosto de 1935, após a publicação do decreto nº 327 (Goiaz, 1935), foi constituído o município de Goiânia, fundindo os territórios dos municípios de Campinas e Hidrolândia e incorporando, ainda, áreas de cidades limítrofes como Anápolis, Bela Vista e Trindade (Ribeiro, 2021). O chefe do executivo estadual, Pedro Ludovico Teixeira, que já passava boa parte do seu tempo no canteiro de obras da nova capital, mudou-se definitivamente com sua família para Goiânia em dezembro de 1935, transferindo extraoficialmente para lá a sede do governo estadual (A mudança, 1935).

Consequentemente, a partir destas ações, Goiânia tornou-se foco de investimentos e de um fluxo de atividades que refletiu no gradual aumento de sua população. Um recenseamento realizado pela prefeitura no início de 1937, contabilizou 6.112 habitantes e 1.368 casas construídas em todo o município (O grande, 1937). Mesmo com a incorporação do agora bairro de Campinas nos números apresentados, é perceptível um crescimento incomum para os padrões do estado de Goiás à época.

A intensificação da propaganda oficial do executivo estadual colaborava para essa movimentação. O *Correio Oficial* exaltava o desenvolvimento da cidade com o uso recorrente de hipérboles. Em janeiro de 1936, a retórica de um ambiente de trabalho produtivo, fruto do ânimo dos operários integrados por um sentimento de idealismo em prol da coletividade e marcando uma nova fase para Goiás, era acompanhada da identificação de Goiânia como sede do governo, apesar de nenhum documento público ter oficializado a transferência definitiva da capital (Nossa, 1936).

Obviamente a propaganda era mais uma ferramenta utilizada para o enfrentamento de forças políticas de oposição que, aliadas a grande parte da população da cidade de Goiás, tentaram impedir a transferência da capital, principalmente entre 1934 e 1936. Em função disso, as matérias presentes no órgão oficial de divulgação do Estado empenhavam-se em marcar pioneirismos. O discurso implícito, sugeria que diferentes movimentações sociais somente passaram a existir após o novo cotidiano imposto pela chegada de investidores privados, de instituições públicas e consequentemente das pessoas que compunham estruturas de poder na cidade em construção.

Como consequência dessa narrativa, a cidade de Campinas gradualmente passava a ser identificada apenas pelo modesto papel de receber ineditismos proporcionados pela construção da nova capital, tendo desprestigiada sua história, suas rotinas sociais e demais condições preexistentes nos campos da educação, da comunicação, tecnologias e divertimentos. Em razoável medida, por conta da propaganda do Estado, Goiânia recebia créditos por aspectos já existentes e dinâmicos muito antes do início de sua construção.

Futebol em Duas Cidades

A partir de 1936, com a presença constante do chefe do executivo estadual o crescimento da cidade em construção, os divertimentos e ações em torno do futebol, aos poucos ganharam espaço no noticiário da nova capital. Em 28 de abril foi fundado o “União Americana Esporte Clube”, que recebeu do *Correio Oficial* a designação de primeiro clube esportivo de Goiânia. A agremiação surgiu a partir de uma reunião de 17 rapazes em um prédio localizado no bairro de Campinas. A presença de elementos associados à Associação Atlética União Goyana e ao América Esporte Clube, dois clubes de futebol da cidade de Goiás, influenciou explicitamente na escolha do nome e dos cargos de direção da nova equipe (A fundação, 1936).

A estreia da União Americana E. C. foi uma disputa de futebol entre rapazes dos dois primeiros quadros do clube. Dirigentes prometeram a organização de outros jogos, inclusive de modalidades que não somente o futebol, porém a trajetória da equipe não passou de três meses. Alguns dos pioneiros atletas fundadores da agremiação, ao se mudarem do bairro de Campinas para o canteiro de obras da nova capital, transferiram o local de treinos e jogos para um campo na “distante” Goiânia. Para os demais jogadores que permanecerem morando em Campinas, percorrer os mais de 5 quilômetros entre um ponto e outro tornou-se um desalento fatal para a existência do clube (Alves Filho, 1982).

Em 30 de julho de 1936, uma outra reunião de esportistas, dessa vez em uma casa de madeira no centro de Goiânia, teve como objetivo a fundação de outro clube. Naquele dia, foram definidas as cores, assim como detalhes do uniforme da equipe de futebol que teria camisas pretas com golas brancas, calções brancos e meias pretas. Na

parte da frente das camisas, ao centro e na altura do peito, o mapa do estado de Goiás como escudo (Alves Filho, 1982).

Apesar da falta de informações precisas sobre o nome da nova equipe, o fato de essa surgir em Goiânia (e não em Campinas), trazendo o mapa do estado de Goiás como seu escudo e contar com o apoio de servidores públicos, comerciantes, professores e profissionais liberais já radicados por ali, sugere uma intenção em somar forças à luta política mudancista e representar a nova cidade na esfera esportiva.

Essa movimentação presume um esforço na organização de uma entidade esportiva com maior vínculo e representação dos valores propostos para a nova capital e talvez por isso, marcas do passado não se adequavam. Goiânia foi projetada como símbolo maior de inovação e tudo leva a crer que essa referência estava presente nos debates esportivos, influenciando também na afirmação identitária de uma moderna e promissora capital do estado.

Essa retórica gradualmente produzia reflexos nos divertimentos e nos esportes. Uma partida de futebol ainda em maio de 1936, dividiu jogadores em duas equipes: uma representando “Goiânia” e outra “Campinas”. O terreno plano e limpo da pista do aeródromo (aberta no ano anterior), serviu de campo para o jogo que teve arbitragem do prefeito da nova capital Venerando de Freitas Borges⁴. Prestigiaram a partida - que terminou com a vitória dos representantes de Goiânia - apoiadores da causa esportiva, autoridades e moradores em busca de entretenimento (Souza, 2021).

⁴ Venerando de Freitas Borges foi o primeiro prefeito de Goiânia após a criação do município em agosto de 1935. Nomeado pelo interventor do estado de Goiás Pedro Ludovico, em 20 de novembro daquele ano, ocupou o cargo por quase 10 anos, até 6 de novembro de 1945, mesma data em que o interventor, após 15 anos, também deixou o governo estadual como consequência da deposição do presidente Getúlio Vargas, por força do golpe militar de 29 de outubro de 1945.

Figura 2: Jogadores e populares em partida de futebol em Goiânia (1936)



Fonte: Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO).
Autor do registro não identificado.

No ano seguinte, entusiasmados esportistas do bairro de Campinas, fundaram em 02 de abril de 1937 o Atlético Clube Goianiense. O grupo já tinha por hábito a prática do futebol em um campo de terra localizado no limite sul do bairro (Gomes, 2014). A simpatia de alguns rapazes pelo Clube de Regatas do Flamengo do Rio de Janeiro influenciou na escolha do vermelho e do preto como as cores do clube (Teles, 2005).

O empenho na formação de equipes e institucionalização do futebol notadamente colaborou na crescente rivalidade entre a cidade em construção (Goiânia) e a cidade que se tornara bairro (Campinas), evidenciando tensões que resultavam em um distanciamento sociocultural entre os dois espaços. Enquanto o primeiro surgia mirando aspectos de modernidade, os moradores de Campinas pareciam não dispensar uma condição de autonomia que usufruíam, mesmo desfrutando privilégios das transformações provocadas pela construção da nova capital.

A precária configuração urbana disponível na cidade de Goiânia em seus primeiros anos, induzia pessoas e famílias recém-chegadas a escolherem Campinas para sua instalação (Pinto, 2009). Independentemente se a preferência era influenciada pela

infraestrutura, dinâmica social, comercial e até mesmo de lazer preexistente no bairro, o fato é que o subúrbio se mostrava mais atraente do que o centro.

Figura 3: Foto aérea de Goiânia com bairro de Campinas (1937)⁵



Fonte: Brasil (1942, s/p).
Autor do registro não identificado.

Goiânia, com suas ruas largas, modernas construções, espaços restritos e elitizados de sociabilidade, além de um forçado e descontextualizado conceito de “vida civilizada”, não permitia, por exemplo (por força de “ordem” do governo estadual), a instalação de prostíbulos ou a presença de moradores de rua. Campinas além do destacado aspecto comercial, contrapunha-se a esse cenário com um cotidiano informal, típico da simplicidade das tradições e relações sociais interioranas, lugar permissivo aos divertimentos simples e populares (Pinto, 2009). Já o insólito traçado da nova capital inicialmente exibía um determinado perfil de moradores, via de regra pessoas envolvidas com o poder público estadual e municipal ou investidores de maior envergadura financeira, seguramente vinculados, sob algum aspecto, diretamente ao chefe do executivo estadual, Pedro Ludovico (Ribeiro, 2021).

⁵ Na parte superior esquerda do registro (noroeste) está o bairro de Campinas, à direita (leste) o Centro de Goiânia com seu traçado em formato próximo a um “triângulo”. Entre os dois núcleos, em formato de “cruz”, o aeródromo com suas duas pistas ortogonais nos sentidos norte-sul e leste-oeste. Cada pista possuía 1 quilômetro de extensão por 100 metros de largura.

Apesar da proximidade espacial e da identidade política (eram um mesmo município), o centro e o bairro estabeleceram relações de desigualdade muito semelhantes àquelas que os goianos reconheciam no relacionamento entre o litoral e o sertão. Havia, na cidade, um lugar para os campineiros, os caipiras, e outro lugar para os habitantes do centro de Goiânia, os modernos (Pinto, 2009, p. 117).

Além do relativo distanciamento geográfico, outro de caráter simbólico levava a população a se referir a Goiânia e Campinas como dois lugares distintos. O núcleo central da nova capital era identificado na linguagem popular como outra cidade, alimentando ainda mais diferenças e rivalidades que obviamente seriam retratadas no universo do futebol.

Antes do fim de 1937, o *Correio Oficial* publicou notas divulgando uma reunião entre diretores dos clubes de futebol (à época o A. C. Goianiense e o time de Goiânia), com a “pacificação dos esportes” como pauta. Segundo o jornal, as diretorias estavam agindo para que os desentendimentos fossem sanados e os ânimos apaziguados, faltando para isso apenas um pouco de boa vontade dos *footballers* (Reuniram-se, 1937, Pacificado, 1937).

Diferentes práticas e comportamentos sociais adotados provocavam certo estranhamento que, em determinados espaços, como bares, praças públicas e de esportes, se tornavam hostis e violentos, principalmente, entre os mais jovens (Pinto, 2009). Os pormenores dessa idiossincrasia eram desconsiderados pela máquina de propaganda do estado de Goiás, que em alguma medida, até utilizava da rivalidade para promover e atrair atenção às disputas de futebol.

O noticiário oficial associava a prática esportiva ao padrão de modernização pretendido, porém, com o cuidado de relativizar notícias sobre um cotidiano que não correspondia aos ideais estéticos de saúde, beleza, limpeza, ordem e organização. Presumivelmente, um esforço de invisibilizar comportamentos de uma cultura popular

suburbana e heterogênea, que obviamente não atendiam ao ideal de ordenamento estabelecido.

Indisposições e Rivalidade

Imbuídos do objetivo de formalizar a agremiação que legitimasse os símbolos e ideais da nova capital, apoiadores da causa esportiva ligados diretamente ao poder público municipal e estadual, reuniram-se no dia 27 de maio de 1938. O grupo era formado basicamente pelos mesmos entusiastas que constituíram em 1936 o União Americana Esporte Clube e mantiveram ativas até ali, equipes que, “representavam” a nova capital (Ribeiro, 2021).

Diferentemente do A. C. Goianiense, fruto dos anseios de jovens e animados esportistas do bairro de Campinas, o Corinthians Goiano Futebol Clube – que conservou as cores “branca e preta” - surgiu demonstrando apoio e força política. A situação ficou evidente na composição de sua primeira diretoria que teve como presidentes de honra, Pedro Ludovico, Jerônimo Coimbra Bueno e João Teixeira Álvares Júnior, respectivamente, interventor, secretário geral do estado e superintendente geral de obras de Goiânia (Vieira; Souza, 1938).

Cada vez mais ganhava força a ideia de uma representação esportiva com identidade vinculada à nova capital e, dessa vez, com o cuidado de trazer consigo a chancela do grupo de poder político local. Se os já enfraquecidos ecos da cidade de Goiás não eram o maior problema depois da mudança da capital em 1937, as marcas, tradições e o passado do agora bairro de Campinas, estavam na mira daqueles que intencionalmente trabalhavam para protagonizar Goiânia e suas “novidades”.

No entanto, antes mesmo de um primeiro jogo acontecer, tensões voltaram a compor o cotidiano. Em 1938, duas praças esportivas eram utilizadas para partidas entre clubes de futebol. Além do campo da avenida Paranaíba, no centro de Goiânia, um espaço, também de terra batida, e localizado no limite leste do bairro de Campinas, havia sido aberto por iniciativa dos rapazes envolvidos com o A. C. Goianiense (Ribeiro, 2021).

Um mês após a fundação do clube, o jornal *O Popular* publicou uma nota de esclarecimento da diretoria do Corinthians Goiano F. C., acusando os dirigentes do A. C. Goianiense de não responder um ofício em que desafiava a equipe de Campinas para um jogo amistoso no campo da avenida Paranaíba. Como agravante, afirmava que programas foram impressos pelo A. C. Goianiense, divulgando como local do jogo o campo de Campinas, provocando um desencontro que fez com que a partida não acontecesse. A nota foi encerrada com uma acusação aos campineiros de tentarem desprestigiar o novo clube da capital (Esportes, 1938b).

Nova data ficou definida para o final do mês de julho no bairro de Campinas. Dada a importância do evento, o prefeito da nova capital ficou encarregado da arbitragem e sua atuação como mediador do certame foi elogiada no jornal *O Popular*. Segundo o redator, o prefeito soube “[...] reprimir o jogo violento atuando com a máxima imparcialidade” A partida terminou com a vitória do Corinthians Goiano, mas após o jogo o clima de hostilidade prevaleceu. Os jogadores da equipe vencedora ao saírem pelas ruas de Campinas na caçamba de um caminhão, foram atingidos por pedras lançadas por uma “horda de moleques”, entre eles, crianças e alguns rapazes. O incidente foi lamentado, mas revelava a violenta realidade que contrastava com a postura e a educação esportiva pretendida (O Corinthians, 1938).

Ainda em agosto de 1938, os dois clubes se enfrentaram novamente em Campinas, quando o A. C. Goianiense, substituiu às pressas a equipe da vizinha cidade de Anápolis, impossibilitada de cumprir o compromisso assumido com o Corinthians Goiano (Os Corintianos, 1938). Mesmo sem apoio direto do poder público e com pouco mais de um ano de existência, o A. C. Goianiense ganhava destaque na promoção de atividades sociais, culturais, recreativas e esportivas, mobilizando e angariando adeptos e simpatizantes entre a população, em especial moradores do bairro de Campinas. Durante o ano de 1938, foram formadas equipes masculinas e femininas de basquetebol e os jogos de futebol atraíam centenas de pessoas, projetando gradativamente a equipe como uma expressão esportiva na cidade (Ribeiro, 2021; Esportes, 1938a).

Figura 4: Jogadores do Atlético Clube Goianiense (1937)



Fonte: Teles (2005, p. 17).
Autor do registro não identificado.

Com efeito, os dois clubes acumularam bons resultados naquele ano. A equipe do A. C. Goianiense estava invicta contra times do interior depois de enfrentar Pires do Rio, Rio Verde e Anápolis. Já os corintianos, além dos dois primeiros jogos, acumularam vitórias sobre a equipe de Anápolis em duas oportunidades (Ribeiro, 2021). Porém a ausência de novos encontros fez surgir um boato de que o A. C. Goianiense

estaria com receio de enfrentar seu rival, invicto desde seu surgimento em maio daquele ano. O presidente do clube de Campinas logo tratou de desmentir a afirmação por meio do jornal *O Popular* (Qual, 1938).

Antes do fim do ano, o Corinthians Goiano foi desafiado pelo A. C. Goianiense para a disputa do título de “Campeão da Cidade de Goiânia de 1938”. Provocações foram publicadas no jornal *O Popular*, o que motivou proprietários de lojas comerciais de Campinas, oferecerem prêmios ao primeiro jogador que marcasse um gol na equipe adversária. Em tom jocoso, o goleiro do Corinthians Goiano afirmou que levaria jornais para serem lidos durante a partida, já que o jogo ocorreria somente no campo defensivo do A. C. Goianiense. O jornal reforçava o antagonismo entre os dois espaços da mesma cidade, afirmando que o encontro levaria à campo “[...] duas torcidas colossais: a dos habitantes de Goiânia e a dos de Campinas” (Qual, 1938; O team, 1938; Campeonato, 1938).

Um documento assinado entre as duas diretorias, estabeleceu um total de três partidas entre as equipes, com a possibilidade de um quarto encontro, caso prevalecesse empate nos primeiros. Além de definir datas, locais dos jogos, critérios de desempate, quantidade de jogadores, prazo de inscrição e arbitragem, chamava a atenção a formação de uma comissão, intitulada “Tribunal de Penas”, formada com o objetivo de julgar possíveis recursos (Qual, 1938; O team, 1938; Campeonato, 1938).

Após um sorteio previsto no regulamento, o primeiro jogo foi agendado para a tarde do dia 11 de dezembro no campo da avenida Paranaíba. A diretoria do A. C. Goianiense disponibilizou caminhões e automóveis para o transporte de torcedores, mas o jogo terminou com a derrota do seu time. Com o encontro seguinte agendado para o dia 18 do mesmo mês e novas provocações entre os envolvidos, o treinador do

Corinthians Goiano resolveu abrir mão da sua atuação como árbitro da partida, situação prevista no regulamento e que já ocorrera na primeira partida. Em seu lugar, atuaria novamente o prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas (Será, 1938; Admirável, 1938; Goiânia, 1938).

No segundo jogo, no campo de Campinas, o A. C. Goianiense quebrou a invencibilidade do rival. A expectativa ao redor da terceira partida, definida para o dia 25 de dezembro, garantiu expressiva presença de público no campo da avenida Paranaíba, porém, a tensão entre os envolvidos, comprometeu o ambiente festivo e a apregoada “educação esportiva”. O clima de hostilidade entre torcedores, mais uma vez, extrapolou níveis de civilidade e convivência. Assim como acontecera meses atrás em Campinas, um caminhão que conduzia torcedores do A. C. Goianiense após o jogo foi alvo de pedras atiradas e uma delas atingiu o comerciante de Campinas Leopoldo Hermano, pai do goleiro do A. C. Goianiense, que naquele dia fazia as vezes de árbitro da partida. Membros da diretoria esportiva do Corinthians Goiano prestaram depoimento à Polícia, a fim de contribuir com o esclarecimento do acontecido (Tornou-se, 1938).

O incidente retratou a apreensão no ambiente da partida que terminou com a vitória do clube de Campinas. Sem aceitar o placar, dirigentes do Corinthians Goiano protocolaram, no dia seguinte, um protesto no “Tribunal de Penas”, contestando várias decisões e a presença do goleiro do A. C. Goianiense como árbitro do jogo, alegando que, por estar inscrito como jogador, não poderia assumir tal função. A diretoria da equipe de Campinas, após tomar conhecimento do protesto, também se manifestou por meio de um documento. Depois da análise dos argumentos, a partida foi anulada (Anulado, 1938).

O impasse não se resolveu facilmente. Em janeiro de 1939, o presidente do Corinthians Goiano, enviou um ofício à diretoria do A. C. Goianiense solicitando uma nova partida que definisse o campeão do certame e conseqüentemente da nova capital. O pedido não foi atendido, assim como nenhum outro acordo se efetivou. Sem uma solução, as duas equipes foram declaradas campeãs e voltaram a se enfrentar somente em março daquele ano (Encontro, 1939; O grande, 1939).

Àquela altura, a ambição por certames mais elaborados já era uma realidade. Torneios traziam maior atração para o público, prolongando a agitação em torno dos jogos, promovendo discussões e uma maior atenção da população. Ao invés de somente partidas marcadas e desafios entre clubes, passaram a surgir com maior frequência propostas de disputas por um troféu. Em abril, na inauguração do campo de futebol do Liceu de Goiânia⁶, além de partidas de voleibol e basquetebol disputadas entre alunos, a equipe de futebol da escola enfrentou o Corinthians Goiano. No mês seguinte, na tentativa de promover o novo espaço, professores da escola ofertaram uma taça a ser disputada entre Corinthians Goiano e A. C. Goianiense. Foi estabelecido contato com os presidentes dos clubes pra tratar os detalhes da disputa, mas a tentativa não logrou êxito (Inaugurada, 1939; Uma, 1939).

Comerciantes locais percebiam vantagens publicitárias em iniciativas como essa. Os proprietários da “Papellaria Vanguarda”, objetivando promover a abertura de seu estabelecimento comercial em abril, também convidaram Corinthians Goiano e A. C. Goianiense para competir entre si em três jogos, na disputa de outra taça. Os dois clubes não chegaram a um acordo e a “Taça Vanguarda” ficou com o Corinthians, mas depois de vencer o Anapolino E. C., no campo da avenida Paranaíba (Taça, 1939).

⁶ Estabelecimento de ensino secundário fundado em 1846 na cidade de Goiás como Lyceu de Goiaz. A partir de 1938, depois de transferido para Goiânia recebeu a designação de “Liceu de Goiânia”.

A entrega do troféu aconteceu em julho na solenidade de comemoração do primeiro ano de fundação do clube. Na ocasião, foram apurados os votos de uma enquete lançada pela diretoria do Corinthians Goiano entre sócios e torcedores, sobre uma possível mudança no nome da agremiação. Após a distribuição de questionários, 361 retornaram respondidos (entre eles, o do interventor Pedro Ludovico), com a decisão da mudança do nome da entidade para “Goiânia Esporte Clube”. Curiosamente a solenidade contou com a presença de jogadores do A. C. Goianiense e do grupo musical “Regional Goyaniense”, *jazz band* composta por membros do clube de Campinas e responsável por animar a solenidade da agremiação rival naquela noite (Goiânia, 1939).

Contudo, o desajuste entre as diretorias prevalecia. Mesmo com a expectativa por novos encontros e a ativa agenda de embates com outros clubes, os dirigentes não conseguiram suplantar os imbróglios e ao longo do ano de 1939, com exceção do encontro de março, as equipes não mais se enfrentaram. Em novembro, surgiu uma proposta para a formação de um combinado de jogadores das duas equipes que representasse a cidade de Goiânia em um jogo em Araguari (MG).

Após manifestação favorável dos presidentes dos dois clubes, o jornal *O Popular*, mais uma vez difundindo a iniciativa, publicou palpites de torcedores com a escalação dos melhores jogadores de cada posição. Treinos aconteceram, alternando-se entre os campos da avenida Paranaíba e o de Campinas, mas, mesmo com o apoio do periódico e a preparação do combinado, o jogo não aconteceu (Congratulo-me, 1939; Qual, 1939a; Qual, 1939b).

Apesar do enfoque às duas agremiações, outras equipes de futebol surgiam, refutando a polarização que prevalecia nos meios de comunicação. Em 1939 vários

jogos aconteceram entre diferentes conjuntos, tais como a da Empresa de Construções Gerais, da Polícia Militar, do Botafogo, do Liceu Industrial⁷, do Clube Esportivo Operário, do Campinas Esporte Clube, além do time dos alunos do Liceu de Goiânia (Ribeiro, 2021).

Essa conjuntura estimulava cada vez mais a ambição por torneios e certames institucionalizados. Com o apoio do poder público, uma associação esportiva, aos poucos estava sendo estruturada. Em julho de 1938, o jornal *O popular* já havia noticiado uma reunião do prefeito de Goiânia com agentes da causa esportiva. Promovida em sua própria residência, teve como principal intuito, debater a realização de um certame estadual de futebol. Essa coordenação, culminou com a criação da Associação Goiana de Esportes (AGE) em 1º de novembro de 1939 (Ribeiro, 2024).

Mesmo sem conseguir articular um torneio estadual, a AGE projetou para 1940, uma competição entre cinco equipes da nova capital, entre elas Goiânia Esporte Clube e Atlético Clube Goianiense, redirecionando o eixo da organização esportiva em torno do futebol. Em alguma medida, a associação, que logo em 1941 teve sua denominação alterada para Federação Goiana de Futebol (FGF), inaugurou nova fase do esporte na cidade, conseguindo criar um ambiente institucionalizado, promovendo ações como a organização de torneios e a participação de uma equipe representante do estado de Goiás no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais.

⁷ Escola de ensino profissionalizante, o Liceu Industrial de Goiás (também chamado de Liceu de Artes e Ofícios) substituiu a Escola de Aprendizes Artífices (desativada na cidade de Goiás no final da década de 1930), passando a funcionar em Goiânia até 1942 quando foi criada em seu lugar, a Escola Técnica de Goiânia (Pires, 2014).

Considerações Finais

A consolidação de Goiânia enquanto município em 1935 e o gradual processo de transferência da capital, evidentemente deslocou o epicentro sociocultural, político e econômico da antiga para a nova capital em Goiás. As atenções e novidades passaram a ser direcionadas à nova cidade, planejada para ser um símbolo “civilizador” e de modernização do estado.

A preexistência da cidade de Campinas em local próximo ao início das obras de construção de Goiânia, seguramente influenciou no conjunto de tensões que acompanharam esse processo. Moradores já domiciliados ou que por diferentes motivos estabeleceram-se no pequeno núcleo urbano que se tornou bairro, concebendo um sentimento de identidade própria, com singularidades distintas de grupos que se fixaram no núcleo central de Goiânia.

Na instalação da nova capital, os enunciados de renovação, modernização e progresso certamente induziam um sentido de negação ao passado, postura notada em lideranças políticas de situação e servidores públicos diretamente ligados a esse grupo. Tal conduta nutria disputas de poder, já que resultava na sensação de que Campinas estava à margem de decisões políticas e de investimentos públicos, que prioritariamente eram direcionados à nova urbe em construção. Além disso, é possível identificar que, para colaborar na narrativa dos periódicos situacionistas de afirmação e consolidação de Goiânia, sutil e simbolicamente, Campinas era identificada como um lugar afeito a hábitos antiquados, resistente ao progresso, algo a ser superado.

Indubitavelmente, durante a década de 1930, tais contrastes foram acentuados pela distância de aproximadamente cinco quilômetros entre os dois núcleos urbanos e consequentemente, disparidades ficaram evidentes no campo esportivo. A disposição

para a organização e prática do futebol e de outras modalidades, revelava que os *sports*, sem deixar de apresentar indícios de características locais, haviam se tornado elementos importantes e fundamentais da sociabilidade goiana.

Rapidamente o futebol foi incorporado como símbolo de urbanidade e paulatinamente ganhava contornos e características que o identificavam como possibilidade de diversão e consumo. Por um lado, desde 1936, houve forte empenho de agentes vinculados ao grupo de poder político local, na organização de um clube que representasse de fato uma “nova capital”. Para tal propósito, este não poderia estar vinculado a tradições, representações e dinâmicas sociais locais preexistentes e vigentes no período. A proposta deveria ser identificada com símbolos de um “cosmopolitismo” dos grandes centros urbanos. Como um arquétipo civilizador, o futebol seria mais um componente sob o discurso da modernidade, colaborando no enfrentamento de hábitos considerados incompatíveis com os ideais de progresso estabelecidos.

Para o grupo de poder, a fundação do Corinthians Goiano F. C. em 1938 - que logo no ano seguinte foi renomeado para Goiânia Esporte Clube, reiterando sua identidade conectada à nova capital – representava o surgimento de um clube institucionalizado, urbano e distinto dos demais. Uma resposta simbólica à resistência cultural à nova capital, que ainda poderia existir entre moradores de Campinas. Com a intenção de consolidar esse conceito ainda havia o apoio da imprensa situacionista, que reforçava sem reservas, a narrativa do Goiânia E. C. como uma agremiação com apoio governamental e inserida no planejamento da cidade.

Sob outro curso, o surgimento do Atlético Clube Goianiense a partir de 1937 sinaliza o desejo da população residente no bairro de Campinas em participar ativamente desse novo cenário, ocupando um espaço na identidade esportiva e de lazer

da capital nascente. À margem do projeto centralizador de Goiânia, o clube indicava uma representação de vida social independente sob a linguagem do futebol.

Enquanto as equipes que representavam Goiânia e a elite do funcionalismo público com seu projeto modernizador, eram identificadas como times da “nova capital” e recebiam apoio do governo, além de incentivos estruturais e simbólicos, o clube de Campinas teve seu campo de jogo construído no próprio bairro e com apoio da comunidade local. Essa ligação territorial certamente contribuiu na construção da identidade do clube gerando forte vínculo afetivo e social com a população do bairro.

As contradições presentes nesse cenário, geraram consequências como a antipatia, a oposição, a hostilidade e intrigas entre a população. Essa rivalidade, da mesma forma que alimentou o interesse popular pelo futebol, também foi alimentada pelo fenômeno enquanto objeto de entretenimento. A imprensa escrita dedicada ao poder público, não se furtava em agitar o ambiente em véspera de jogos, publicando afrontas e provocações entre agentes dos clubes. Em outros momentos, como contrapartida, destacava a necessidade de uma conduta esportiva atrelada a princípios de civilidade, cavalheirismo, nobreza e distinção. Tudo isso geralmente acompanhado de sutis privilégios de narrativa aos representantes de Goiânia em detrimento dos de Campinas.

Por certo, a rápida dinâmica de transformação social impulsionada pelo acelerado crescimento populacional e a diminuição da distância geográfica entre o bairro de Campinas e centro de Goiânia contribuíram para uma nova fase de relações sociais citadinas, o que certamente tangenciou o ambiente do futebol. Em 1940, Goiânia já se tornara o maior conglomerado urbano de todo o estado de Goiás, registrando 14.943 habitantes (Brasil, 1947). Esse número representava mais que o dobro dos pouco

mais de 6.000 moradores apontados no recenseamento realizado pela prefeitura no início de 1937.

No universo do futebol, o surgimento da Associação Goiana de Esportes em 1939 - Federação Goiana de Futebol a partir de 1941 - também colaborou para um redirecionamento das ações na modalidade e seus impactos na sociedade local, o que sugere um novo recorte histórico com potencial de investigação sobre a expansão do cenário futebolístico e a inserção de aspectos mercantilistas com promoção e exploração do fenômeno, também pelo viés do espetáculo.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, J. B. **Arquivos do futebol goiano**. Goiânia: Gráfica O Popular, 1982.

BRASIL. **Recenseamento do Brasil**. Realizado em 1º de setembro de 1920. Volume IV (4ª parte). População. População do Brasil por Estados, Municípios e Districtos, segundo o grau de instrução, por idade, sexo e nacionalidade. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Directoria Geral de Estatística. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1929.

BRASIL. **Goiânia**. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.

BRASIL. **Anuário estatístico do Brasil**. Ano VII – 1946. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Estatística. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1947.

CHAUL, N. F. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

CHAUL, N. F. Goiânia: a capital do sertão. **Revista UFG - Dossiê cidades planejadas na hinterlândia**, Goiânia, v. 11, n. 6, p. 100-110, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48235>. Acesso em: 14 ago. 2025.

DRUMOND, M. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2594>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GODINHO, I. R. **A construção**: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia. Goiânia: Contato Comunicação, 2013.

GOIAZ. **Decreto nº 327 de 2 de agosto de 1935**. Arquivo histórico do estado - Secretaria de Estado da Cultura (SECULT Goiás). Caixa nº 1 – Pedro Ludovico Teixeira, 1932, 1933, 1934, 1935 – Decretos: mudança da capital. Governo Pedro Ludovico Teixeira. 1935.

GOMES, H. A **Saga do Atlético Clube Goianiense (1937-2012)**. Goiânia: Ed. do autor, 2014.

ORTENCIO, B. **História documentada e atualizada de Campinas (Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Campinas)**. Goiânia: Kelps, 2011.

PINTO, R. N. **Goiânia, no ‘coração do Brasil’ (1937-1945)**: a cidade e a escola re inventando a nação. 2009. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2009.

PIRES, J. R. **Goiânia – La Ciudad Premoderna del “Cerrado” (1922-1938)**: Modernidad y Ciudad Jardín en la urbanística de la nueva capital del Estado de Goiás. 2005. 374 f. Tese (Doutorado em Teoría e Historia de la Arquitectura) – Departamento de Composición Arquitectónica, Escola Tècnica Superior D’Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, 2005.

PIRES, M. A. **Imagens Institucionais da Modernidade**: a educação profissional em Goiás (1910-1964). 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

RIBEIRO, J. C. **A capital dos esportes**: poder, idealismo e hábitos físico esportivos no surgimento de Goiânia (1930-1945). Goiânia. Editora Kelps, 2021.

RIBEIRO, J. C. A criação da Associação Goiana de Esportes e a institucionalização esportiva na nova capital. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 24, n. 3, p. 151-166, 2024. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/16343>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SOUZA, D. O. de. **Memórias em preto e branco**: G. E. C. Goiânia. E&C Editora, 2021.

TELES, J. M. **Atlético – Sentimento & Glória**. 2. ed. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps Ltda., 2005.

FONTES HISTÓRICAS

A FUNDAÇÃO do primeiro Clube Esportivo Goiano. **Correio Oficial: Órgão dos Poderes do Estado de Goiaz**, Goiânia, ano LXXX, n. 3.221, p. 1, 5 maio 1936.

A MUDANÇA da capital e a cidade de Goiaz. **Correio Oficial: Orgão dos Poderes do Estado de Goiaz, Goiaz**, ano LXXX, n. 3.140, p. 1, 5 dez. 1935.

ADMIRÁVEL performance do Corinthians. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 71, p. 4, 15 dez. 1938.

ANULADO o jogo de domingo. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 75, p. 4, 29 dez. 1938.

BUENO. J. C. A Nova Capital: A maior realização Goyana de todos os tempos. **Correio Oficial: Estado de Goyaz**, Goyaz, ano LXXIX, n. 2.943, p. 1 e 2, 13 fev. 1935.

CAMPEONATO da cidade. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 69, p. 4, 8 dez. 1938.

CONGRATULO-ME com os presentes pela fundação da Associação Goiana de Esportes, e espero que o Estado de Goiaz ainda concorrerá, brilhantemente, ao Campeonato Brasileiro de foot-ball. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 149, p. 4, 5 nov. 1939.

ENCONTRO entre o Atlético x Corinthians. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 77, p. 3, 5 jan. 1939.

ESPORTES. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 18, p. 2, 5 jun. 1938a.

ESPORTES - Da diretoria do Corinthians Goiano F. C. – Esclarecimento necessário. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 24, p. 2, 26 jun. 1938b.

GOIÂNIA assistirá hoje grande embate esportivo. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 72, p. 4, 18 dez. 1938.

GOIÂNIA E. C. é o novo nome do Corinthians G. F. C. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 124, p. 4, 13 jul. 1939.

INAUGURADA a cancha do Liceu goiano. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 104, p. 6, 23 abr. 1939.

NOSSA visita a Goiânia. **Correio Oficial: Orgão dos Poderes do Estado de Goiaz, Goiaz**, ano LXXX, n. 3.159, p. 1, 1 jan. 1936.

O CORINTIANS G. F. C. venceu o Atlético Goianiense por 1 x 0. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 33, p. 2, 4 ago. 1938.

O GRANDE progresso do município de Goiânia. **Correio Oficial: Orgão dos Poderes do Estado de Goiaz**, Goiânia, ano LXXXI, n. 3.416, p. 1, 21 abr. 1937.

O GRANDE jogo de domingo terminou com a vitoria do Atlético. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 98, p. 5, 26 mar. 1939.

O TEAM de Goiânia é a expressão da cidade. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 68, p. 4, 4 dez. 1938.

OS CORINTIANOS ainda desconhecem o amargor das derrotas. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 41, p. 2, 1 set. 1938.

PACIFICADO será brevemente o esporte goianiense. **Correio Oficial**, Goiânia, ano CI, n. 3.543, 4 nov. 1937. Notas ligeiras, p. 8.

QUAL é o campeão da cidade? **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 67, p. 4, 1 dez. 1938.

QUAL deve ser o quadro Atlético-Goiânia? **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 153, p. 4, 19 nov. 1939a.

QUAL deverá ser o combinado Atlético – Goiânia? **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 156, p. 3, 30 nov. 1939b.

REUNIRAM-SE ontem os diretores de clubes esportivos desta capital. **Correio Oficial**, Goiânia, ano CI, n. 3.542, 31 out. 1937. Notas Ligeiras, p. 8.

SERÁ renhido o prelio de hoje. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 70, p. 6, 11 dez. 1938.

TAÇA para “melhor das três” entre Campinas e Goiânia. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 98, p. 4, 30 mar. 1939.

TORNOU-SE empolgante o campeonato da cidade. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 73, p. 4, 22 dez. 1938.

UMA taça para o campeonato da cidade. **O Popular**, Goiânia, ano II, n. 105, p. 4, 26 abr. 1939.

VIEIRA, A. M.; SOUZA, J. J. de. Esportes: Corinthians Goiano Esporte Club. Clube. **O Popular**, Goiânia, ano I, n. 17, p. 2, 2 jun. 1938.

Endereço dos Autores:

Jean Carlo Ribeiro
Endereço eletrônico: jeancarlo@mail.uft.edu.br

Cleber Dias
Endereço eletrônico: cleberdiasufmg@gmail.com